

MATOS, Odilon Nogueira de. Historiador campineiro na Brasiliana:
(No mundo dos livros). Diário do Povo, Campinas, 27 abr. 1969.

No mundo dos Livros

Historiador campineiro na "Brasiliana" *Diário do Povo*

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

De "A Bahia e a carreira da Índia", a importante obra do professor José Roberto do Amaral Lapa, praticamente já se disse o que merecia ser dito. Boxer, Mollat, Chaunu, Iglesias, entre outros, grandes historiadores brasileiros e estrangeiros, todos especialistas no campo da história econômica, manifestaram-se, não regateando louvores ao exaustivo trabalho de pesquisa que o historiador campineiro empreendeu e que acaba de ser publicado como volume 338 da importante coleção "Brasiliana", um trabalho que, antes de tudo, revelou coragem, "coragem de se meter por um campo mal desbravado antes", como dele disse o eminente historiador português Serafim Leite. E ainda na apreciação do ilustre jesuíta é que encontramos a melhor recompensa para o trabalho de Amaral Lapa: o seu livro "vai constituir para o futuro a baliza número um". Resistindo à sedução de assuntos mais fáceis, com documentação mais acessível e que, certamente, serviria de sobejo para a finalidade a que se propôs, Amaral Lapa preferiu enveredar por uma senda mais áspera, valorizando extraordinariamente o título que pretendeu com o trabalho. Produziu uma obra que ficará na bibliografia histórica brasileira, "padrão de trabalho histórico, impondo-se pelo tema, pelo método, pela pesquisa, pela inteligência", como dela disse o professor Francisco Iglesias, da Universidade de Minas Gerais.

Considero um dos maiores títulos de minha já longa carreira de professor universitário o ter participado do júri que apreciou publicamente o trabalho de Amaral Lapa, pois originalmente ele foi apresentado como tese para o seu doutoramento em História, e eu me recordei com alegria daquela memorável tarde de 22 de abril de 1966 na Faculdade de Filosofia de Marília, quando, na companhia honrosa de Sérgio Buarque de Holanda, Francisco Iglesias, Olga Pantaleão e do saudoso Wanderley Pinho, demonstramos, de público, nosso regozijo pelo trabalho que nos era oferecido a exame à apreciação. Um colega de Universidade, referindo ao trabalho de Amaral Lapa, estranhou: "Um trabalho tão importante para um simples doutoramento"? Sim. O caso é que Lapa, valorizando imensamente esse "simples" doutoramento, deu uma lição de mestre a muita gente que, em busca de um carreirismo fácil, não tem titubeado em cometer as maiores "vigarices" não só em doutoramentos, mas — o que é mais grave — até em concursos de cátedra! Essa a grande lição de Amaral Lapa: para o seu noviciado em História, apresentou obra de mestre, começando por onde a maioria acaba, ou melhor, por onde a maioria... nem chega a atingir.

Apresentando "A Bahia e a carreira da Índia", escreve Américo Jacobina Lacombe, responsável pela coleção "Brasiliana": "Eis aqui um livro que enche de alegria os estudiosos de História no Brasil por vários motivos. O primeiro é que ele representa uma fase nova na pesquisa. Não se trata mais de improvisar trabalhos extraídos de livros anteriores, encarando uma ou outra faceta, mas de material novo, extraído de fontes documentais, apurado, selecionado e ordenado com a mais rigorosa técnica científica, iluminando um aspecto até agora não encarado em nossa formação econômica e política. O segundo é que ele representa o resultado de uma colaboração de esforços de entidades portuguesas e brasileiras: a benemérita

Fundação Gulbenkian, que proporcionou ao autor a possibilidade de acesso às principais fontes de informação documental, as direções dos arquivos portugueses e brasileiros e finalmente a Faculdade de Filosofia de Marília, padrão de cultura no interior do país. De todas essas entidades recolheu o autor os elementos com que elaborou esta síntese que há algumas poucas dezenas de anos seria irrealizável. Tudo isso vem provar que é possível confiar na nova geração de historiadores. Ela tem capacidade de produzir e está conquistando os meios de aproximar-se das fontes de informação e de elaboração de trabalhos substanciais. Acabou-se a era das improvisações e das compilações descoordenadas. Através deste estudo começa-se a compreender o milagre da resistência, no meio de tantos obstáculos, do periclitante império comercial português, e o papel principal que nele representou o Brasil, não só pela sua posição geográfica, mas pelas riquezas com que veio engrossar a circulação das mercadorias. Nesse conjunto destaca-se — prova-o o autor à sociedade — o papel da Bahia como peça integrante e integradora dos quadros mercantis lusitanos. Trata-se, pois, de um estudo relevante de geografia histórica, de história econômica e história política, autêntico trabalho piloto que despertará muitos estudos complementares, pela sua originalidade e por sua indiscutível, serena e objetiva autenticidade".

Pena que este trecho esteja na "orelha" da capa, que o encadernador certamente cortará se mandarmos encadernar o livro. Deveria estar no texto, para que se não perdesse.

Uma vez que a crítica especializada já se manifestou sobre "A Bahia e a carreira da Índia", resta-me apenas, agora, externar minha satisfação por ver o trabalho de Amaral Lapa incluído na coleção "Brasiliana", da Companhia Editora Nacional. Os que têm alguma familiaridade com estudos brasileiros dada por Fernando de Azevedo em fins de 1931, a "Brasiliana", que inicialmente fazia parte de série mais ampla — a "Biblioteca Pedagógica Brasileira" — tornou-se logo reconhecida a mais vasta e variada coleção de estudos brasileiros, instrumento obrigatório de consulta a todos quantos, professores e estudantes, se interessassem por qualquer setor da cultura vinculado ao nosso país. Sua apresentação, facilmente identificável em qualquer livraria ou biblioteca, estampava na capa o perfil estrelado do mapa do Brasil a duas cores, e por mais de trezentos volumes conservou a mesma capa, variando apenas as cores. Somente a partir do volume 320 sofreu modificação na sua já tradicional apresentação. Seu campo de interesse foi sempre o mais variado: história, economia, política, geografia, biografias, sociologia, etnologia, linguística, ciências naturais, relatos de viagens, enfim, tudo o que fosse de interesse para a cultura brasileira. Publicado o primeiro volume em fins de 1931 ("Figuras do Império e outros ensaios", de Batista Pereira), pouco mais de um lustro depois alcançava a primeira centena de volumes e ao completar a primeira década lançava o volume 200, escolhendo-se para esta comemoração a grande obra de Hartt sobre a geologia do Brasil. De então para cá, o ritmo editorial diminuiu, publicando nos vinte e cinco anos subsequentes menos do que foi publicado no primeiro decênio. Ultimamente retomou alentado ritmo, estando atualmente com mais de 340 volumes. Por ela responde hoje Américo Jacobina Lacombe, chamado a substituir seu fundador quando Fernando de Azevedo, em virtude de compromissos com a Universidade de São Paulo, não pôde continuar com encargos junto à grande editora.

Essa, a importante coleção que acaba de ser enriquecida com o valioso trabalho do historiador campineiro José Roberto do Amaral Lapa, atualmente professor da Cadeira de História do Brasil da Faculdade de Filosofia de Marília. Interessado igualmente na história de sua cidade, Amaral Lapa tem em preparo alguns trabalhos sobre Campinas. Algumas primícias já nos foram reveladas em publicações periódicas. Aguardamos para breve o trabalho definitivo.